

A IMPORTÂNCIA DE ESTIMULAR O PRAZER PELA LEITURA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MONALISA GOMES DE SOUSA

Graduada no Curso Normal Superior pelo Centro Universitário Hermínio Ometto UNIARARAS (2007); Pós-Graduada em Docência do Ensino Superior pela Faculdade de Conchas FACON (2016), Licenciada em Artes Visuais pelo Centro Universitário de Jales UNIJALES (2018); Pós-graduada em Gestão Escolar pelo Centro Universitário Cidade Verde UNIFCV (2019); Graduada no Curso de Letras em Português pelo Centro Universitário UNIFAEL (2021); Professora de Educação Infantil e Ensino Fundamental I - Assistente de Diretor de Escola- na EMEF Professor Milton Ferreira de Albuquerque da Prefeitura de São Paulo.



RESUMO

O presente artigo reúne o parecer de diversos autores ao tratarem do assunto da literatura infantil e de sua conseqüente influência sobre o desenvolvimento global das crianças, tendo como principal objetivo, a análise dos aspectos capazes de despertar na criança o prazer pela literatura ao partir do conceito genérico do que se caracteriza literatura para então definir como o gênero infantil desta modalidade de conhecimento apresenta uma diversidade considerável de peculiaridades. A noção subjetiva de prazer na literatura é tratada com atenção no decorrer deste trabalho e foram trazidos à análise alguns dos fatores que poderão determinar o grau de satisfação das crianças no exercício da prática literária.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Infantil; Leitura Deleite; Educação; Ensino; Aprendizagem.

INTRODUÇÃO

A fase inicial da vida é cheia de fantásticas descobertas que são capazes de influenciar na existência de uma pessoa. Durante a infância recebemos as mais diversas formas de incentivo por parte de pais e educadores é justo pensar que esta seja a etapa de desenvolvimento humano que mais repercutirá ao longo dos anos subsequentes. Toda experiência vivida neste momento traz consigo o peso de conseqüências. A criança tem uma maneira bastante peculiar de reagir aos acontecimentos que marcam a sua vida.

Tudo parece ser assinalado pela possibilidade de se ter em cada realização as portas que começam a abrir as portas da realidade. É por isto que às vezes os adultos são capazes de lembrarem com detalhes de cenas que se deram há muitos anos atrás, em sua longínqua infância ao passo que acontecimentos bem mais recentes são esquecidos com uma facilidade surpreendente. Onde estaria a explicação para tal fenômeno senão no fato de a criança supervalorizar cada pequeno detalhe, dando a estes a importância que faz com que se tornem dignos de lembranças muito tempo depois?

O presente trabalho visa discorrer sobre a temática “Despertando na criança o prazer pela literatura” e se propõe a tratar da questão partindo de uma abordagem simplificada e embasada em escritores e situações do cotidiano, tendo como eixo central a ideia subjetiva do prazer, procurando demonstrar o quanto tal conceito se encontra intimamente relacionado com o universo infantil e como este primeiro contato com os livros será aspecto preponderante em todo transcorrer do ciclo de vida de uma pessoa. Serão analisados também dentro desta proposta questões de cunho técnico e histórico, bem como a necessidade de se trabalhar com gêneros textuais diversos. A importância do agente de educação, o professor, também será assunto recorrente neste exposto, uma vez que sem a sua intervenção no papel de facilitador do processo, as possibilidades de criação de um real interesse na literatura se tornam mais escassas. Este, aliás, é um desafio para todos os educadores se quiserem ver reproduzidos nas crianças os próprios benefícios que acompanham a prática prazerosa da leitura. O exemplo do educador deve ser considerado de vital importância na formação de crianças que gostem de ler, razão pela qual não se poderia deixar este tópico de fora deste trabalho.

A IMPORTÂNCIA DA LITERATURA INFANTIL

O universo da leitura constitui-se em um dos fantásticos meios de desenvolvimento humano de que se tem notícia. Este exercício é responsável pela expansão intelectual de seus praticantes, razão pela qual se torna fundamental sua adequação aos respectivos grupos de pessoas que tomam parte em sua atividade. O hábito de ler é pouco comum entre a maioria da população brasileira e interessar os filhos de pessoas que leem com tão pouca frequência não parece ser uma tarefa tão simples.

A realidade faz com que seja necessária a busca de métodos de estímulo capazes de superar a cultura nacional tão pouco voltada para a exploração da literatura em seus diferentes níveis. Às vezes atribui-se certo sentido pejorativo a expressão literatura infantil, supondo que o fato de ser voltada para o público mirim seja suficiente para se tratar o assunto de uma maneira menos comprometida. Na realidade a autêntica literatura infantil deve ultrapassar as fronteiras das intenções meramente pedagógicas, didáticas ou para se incentivar a leitura. É necessário mais do que isto para se alcançar o público a que se destina.

Elementos como a fantasia e a imaginação devem ser encontrados em cada texto produzidos para crianças e este tipo de literatura precisa ser escrito pela criança existente em nós. Apesar de possuir o adjetivo “infantil” este tipo de literatura não deixa de ter a sua carga de complexidade e é fruto do entendimento atingido por volta do século XVIII de que criança tem que ser considerada de maneira diferente do adulto. Fazer com que as crianças se interessem na leitura é tarefa mais complexa, pois se deve levar em consideração as necessidades e universos infantis, diferente do adulto em muitos aspectos.

Sabemos que ler não é uma prática habitual em nossas crianças. Sabemos também que o leitor se forma no

Exercício da leitura. Mas no caso de leitores infantis, tal exercício compreende algo mais do que simplesmente tomar um livro nas mãos e decodificá-lo através da leitura (Oliveira, Maria Alexandre de, 1996, p.18).

A citação a seguir traz uma definição a respeito do que caracteriza a literatura de forma generalizada. “... uma obra literária é aquela que aponta a realidade com uma roupagem nova e criativa, deixando espaço ao leitor para entrar na sua trama e descobrir o que está nas entrelinhas do texto” (Oliveira, 1996, p.22).

Desta forma a literatura infantil deve conter elementos que permitam à criança a prática da livre interação com o texto. Isto quer dizer que tais escritos devem ser permeados de aspectos fantásticos e mágicos. Tudo deve ser maravilhoso e poético nestas produções.

Hernandez (1985) entende a literatura infantil como sendo “um conjunto de obras” nas quais a linguagem seja o essencial e não um instrumento para levar a criança algo diferente do que exige seu mundo interior; um mundo no qual a imaginação é magia que faz de cada realidade e na qual a criança constitui-se o rei da natureza e, impulsionado por seu animismo, de um pau faz um cavalo ou outra criança a quem contar suas histórias (Oliveira, Maria Alexandre de, 1996, p.23).

É fundamental, portanto neste tipo de literatura o uso de uma linguagem adequada e compatível com o universo interior da criança, pois sem ela não se conseguirá fazer com que o potencial criativo dos leitores seja despertado e posto em operação. Este aspecto, aliás, é indispensável em todo o tipo de literatura. Conseguimos avaliar se um texto é bom ou não pelo simples critério de verificar o que ele desperta em nós. O bom texto é aquele que desencadeia uma série de pensamentos construtivos, de ideias que levam a nossa própria interpretação do significado daquilo que lemos. O texto é a própria fonte de onde sorvemos o necessário para nossa particular visão do mundo em que vivemos e isto está intimamente relacionado com o tipo de cultura que temos e de experiências que vivenciamos. É por isto que pessoas diferentes reagem de maneiras diversas aos

Mesmos textos. Mas a despeito disto não se nega o fato de uma boa literatura ser aquela que tenha em si mesma, elementos capazes de estimular nossa criatividade, pois “uma literatura de qualidade é aquela capaz de fascinar o leitor e torna-lo cativo. É uma literatura carregada de sentido e de expressão, grávida do novo, geradora de vida e capaz de impulsionar o ato criador do leitor” (Oliveira, 1996, p.24).

No que se refere à literatura como um todo não deixa de ser aplicável a um ramo particular que tem a criança como público leitor. Deve-se relacionar a literatura infantil com o conceito maior de literatura, cuidando-se para que a trajemos em roupagens atrativas às crianças. Deve-se dar um colorido especial as palavras, pondo em cada expressão os atributos que mais cativam os infantes. A leitura deve converter-se em uma atividade prazerosa que faça com que os leitores se sintam parte da história e não alheios a ela. Este senso de pertencer aquilo que se lê é indispensável para estimular a continuação da atividade iniciada. O texto deve produzir sensações múltiplas nos leitores, que terão nesta atividade não só um exercício deleitoso, mas uma gama preciosa de experiências adquiridas que se demonstrarão de grande contribuição para o desenvolvimento global delas.

Leitura-prazer, em se tratando de obra literária para crianças, é aquela capaz de provocar riso, emoção e empatia com a história, fazendo o leitor voltar mais vezes ao texto para sentir as mesmas emoções. É aquela leitura que permite ao leitor viajar no mundo do sonho, da fantasia e da imaginação e até propiciar a experiência do desgosto, uma vez que esta é também um envolvimento afetivo provocador de busca de superação (Oliveira, 1996, p.28).

É inegável o potencial da literatura infantil como agente de formação do aluno. Partindo-se do princípio de que os livros sempre tiveram embutidos em si mesmo toda uma capacidade de mudar opiniões e teorias em alguns casos e de contribuir para a corroboração dos mesmos em outros, chegaremos entender que em se tratando de crianças, pessoas em fase de desenvolvimento, estas possibilidades são ainda maiores. As crianças não partilham na maioria das vezes

[...] dos mesmos vícios sociais dos adultos o que faz com que a literatura seja para elas uma das mais poderosas ferramentas de constituição de uma visão de mundo ou uma reelaboração desta.

A literatura infantil, com suas propriedades formativas, constitui fértil possibilidade para esse intercâmbio. Enquanto produto cultural, ela interfere na cultura do aluno, reforçando-a, negando-a ou provocando nele, de diferentes formas, novos conhecimentos e uma reelaboração de sua visão de mundo (Oliveira, Maria Alexandre de, 1996, p.49).

Da mesma forma que se dá com os adultos que em determinadas situações são obrigados a se redefinirem em função de uma nova informação adquirida, a criança também é capaz de experimentar este processo de metamorfose através não só da literatura infantil, mas de situações onde ela poderá descobrir o quanto seu conhecimento sobre determinado assunto é passível de evolução. É evidente que na literatura infantil deve-se levar em consideração que o público a que se destina está em uma fase da vida em que todas as experiências tem mais significado e onde as impressões são mais profundas.

Para Abromovich (1994) o primeiro contato da criança com um texto é feito oralmente, através da mãe, do pai, ou dos avós, contando histórias bíblicas, de conto de fadas ou inventadas (tendo a criança ou os pais como personagem).

Percebe-se com isto que as escolas de um modo geral devem continuar a desenvolver o gosto literário começado no ambiente doméstico introduzindo aspectos técnicos e se utilizando dos recursos disponíveis, que são facilitadores no ato de desenvolver a gosto pela literatura.

A mudança de mentalidade no Brasil tem sido responsável pelas transformações ocorridas na literatura infantil. A própria modernização trouxe consigo novas possibilidades de exploração literária.

Tanto a escola como a literatura infantil expressam e se beneficiam da noção de mudança. Por isso, somente podem desenvolver-se no contexto de uma sociedade em fase de modernização que estimule os mesmos valores. É o que começa a acontecer entre nós a partir do final do século XIX,

De modo que as histórias respectivas da instrução e do gênero literário para crianças articulam-se de maneira inseparável à história das transformações da sociedade nacional fazendo parte dos rumos que esta escolhe (Zilberman, Lajolo, 1986, p.250).

A ideia de desenvolvimento é responsável direta pela transformação na forma de se fazer literatura bem como de seu consequente acesso por parte dos leitores. O rumo que o Brasil estava tomando nesta época seria assunto que deveria ser retratado pelos livros e a literatura seguiu o mesmo rumo que a sociedade, uma vez que visavam reproduzir os mesmos valores, incutindo-os as mentes infantis. Tal processo é o mesmo adotado pelas escolas que precisam acompanhar as mudanças da sociedade e codificar os seus valores de modo que sejam apreendidos pelas crianças. Estas por sua vez em posse destes valores poderão interagir com os livros de uma forma a

perceber neles um retrato da sociedade em que vivem. Temos um exemplo desta mudança no fato de a sociedade brasileira estar se convertendo naquela época em uma economia predominantemente industrial e cada vez menos dependente de sua produção agrícola a semelhança do modelo europeu conforme apontado por Regina Zilberman e Marisa Lajolo (1986). Tais mudanças passaram a assumir contornos existências e daí a necessidade de serem interiorizadas pelas crianças através do ensino nas escolas e do gênero literário. Podemos mensurar melhor esta assimilação do gosto pela literatura no Brasil quando associamos seus primórdios com a modernização experimentada pela nação e a necessidade inevitável da formação de uma geração com mais acurado senso crítico e capaz de exercer papel relevante no atual momento político vivido pelo país.

A atual democracia brasileira é também derivada do desenvolvimento vivenciado em tempos passados e dentro deste contexto a literatura infantil continua desempenhando a tarefa de fornecer a seus adeptos, subsídios culturais que serão capazes de influenciar e dar continuidade ao processo de avanços em todos os níveis da sociedade.

Se, adquirindo o hábito da leitura, a criança passa a escrever melhor e a dispor de um repertório mais amplo de

Informações, a principal função que a literatura cumpre junto a seu leitor é a apresentação de novas possibilidades existenciais, sociais, políticas e educacionais. É nessa dimensão que ela se constitui em meio emancipatório que a escola e a família, como instituições, não podem oferecer. A partir desses fatores é que se pode avaliar o lugar que a literatura infantil ocupa, hoje, no Brasil, e sua relação direta com o processo de democratização por que passa o país, uma vez que se liga com a preocupação de formar gerações capazes de pensamentos críticos e de superar os limites das experiências já adquiridas. (Cadermartori, 1986, p.19)

O desenvolvimento da nação brasileira passa indiscutivelmente pela formação de uma geração leitora. Sem informação sobre a sociedade em que se vive não é possível à formulação de pensamentos capazes de reverter os problemas e apresentar soluções para dilemas e vícios desta. A capacidade da criança tende a aumentar quando em posse de informações sobre o meio em que vive. O progresso depende de pessoas com visão ampla trazida pela fusão das mais variadas fontes literárias. Neste quesito o valor da literatura chega mesmo a exceder o das instituições clássicas da sociedade, devida principalmente ao seu potencial exclusivo de fazer com que o indivíduo transcenda as próprias fronteiras e limites impostos pela sociedade. É óbvio que uma geração leitora possui em si mesma o potencial necessário para galgar alturas ainda não alcançadas, percorrendo caminhos não trilhados por gerações anteriores e isto graças ao papel decisivo dos livros, que trazem as conquistas e erros dos antepassados ao conhecimento do presente geração, que pode possuir o conhecimento acumulado por vários anos. Os livros poderiam ser facilmente comparados a um grande manancial de ideias, e se tirássemos de nossos pequenos os privilégios oriundos da leitura estaríamos renunciando um tempo sem ideias conforme Maria Dinorah (1995). Se os livros deixassem de fazer parte da experiência das crianças, as possibilidades de novas descobertas seriam reduzidas quase que a nulidade. Desta forma podemos afirmar que o futuro de um povo está diretamente relacionado com o tipo de atenção literária despendida às suas crianças. Se não houver nenhum tipo de transmissão dos valores sociais para o público infantil, corre-se sério risco de o patrimônio cultural ser aniquilado ou transtornado por gerações futuras. É claro que quando tratamos da literatura infantil com meio emancipatório, estamos nos referindo principalmente à literatura de

qualidade e que seja mais do que “letra morta”. O potencial de um livro como agente educador tem relação com o tipo de recursos linguísticos que este utiliza. Se pretendermos que as publicações ajam como instrumentos de transformações sociais e políticas, devemos enfatizar que não é qualquer escrito que fará com que este resultado seja alcançado. A qualidade linguística de um livro precisa ser fator relevante na seleção das matérias que serão postas em contato com a criança, principalmente na introdução desta no universo da literatura.

É através do livro infantil que a criança irá penetrar no mundo literário e tornar-se um leitor, Se esse livro, em nome de uma liberdade mal interpretada e de uma autenticidade vesga, não tiver um mínimo de decoro linguístico, o que poderá oferecer a essa criança? (Dinorah, 1995, p.40)

A espécie de cidadão que será a criança depende não apenas se ela teve acesso aos livros, mas também da espécie de literatura a que foi submetida. O exercício literário chega mesmo a transcender a esfera do livro, pois não podemos esquecer que o hábito de ler precisa ser incentivado por aspectos que ultrapassam os limites escolares. Na realidade pode mesmo acontecer que os métodos e a conotação da leitura na escola se constituam em um inimigo vigoroso na aprendizagem da criança, que poderá ficar intimidada com o contexto em que este exercício deverá acontecer. Deste modo tem-se que existe inegavelmente um universo social que cerca a leitura e estes são em alguns casos externos as escolas.

Pode acontecer que uma criança decida que não vale a pena o esforço dessa aprendizagem. Isto por várias razões. Uma delas pode ser uma falta de motivo para aprender a ler, tal como essa prática é concebida pela escola. Antes de ser uma aprendizagem escolar, a leitura revela uma dimensão social, definida bem antes da entrada da criança na escola. A existência de livros ou mesmo de uma biblioteca na casa em que vive; a constância com que presenciam atos de leitura ou escrita realizada pelos pais ou familiares. (Barbosa, 2008, p.136)

Deste modo é possível dizer que é necessário à criação de um contexto literário capaz de estimular a criança no exercício da leitura. O leitor precisa buscar suas raízes no próprio ambiente doméstico de onde surgirá o hábito de empreender espontaneamente esta prática onde ela for necessária. É função não só dos professores como também dos pais fornecerem a criança o estímulo de que necessita para perceber a real motivação em aprender a ler. Se os pais forem leitores habituais os filhos não terão dificuldades em se espelhar em seus exemplos procurando imita-los. A referência paterna poderá fazer grande diferença na formação de crianças que tenham o gosto pela literatura. A dimensão social da literatura é facilmente captada quando constatamos que crianças que vem de um lar onde os pais são leitores, tendem a reproduzir com muito mais exatidão estes princípios incutidos já nos primeiros anos de vida.

Não se pode tratar a literatura apenas dentro da limitada esfera da sala de aula. A escola não consegue sozinha formar crianças que sejam leitoras necessitando da contribuição decisiva dos pais e demais membros sociais que atuam na formação do aluno. Se a criança adentra no ambiente escolar com uma mentalidade já desenvolvida nos assuntos literários o papel do professor se acha facilitado pelo fato de ter que funcionar muito mais como um facilitador e instrutor nas questões técnicas e formais da língua. Caso isto não aconteça sua tarefa será muito dificultada, pois a criança ainda dispõe de motivação e não tem uma figura doméstica que sirva com referência. Nesta última hipótese, pode-se dizer que o educador estará lidando com dois desafios relacionados: Motivar a criança na prática literária e ensinar os aspectos técnicos e formais da língua.

A dimensão social da literatura está também relacionada com a pouca importância que o assunto recebe em países como o Brasil que não investe em espaços públicos de leitura da maneira que deveria. Se houvesse mais investimentos na cultura e na proliferação de bibliotecas seguidas de uma consequente divulgação as crianças poderiam estar mais familiarizadas com o universo da leitura, estando assim em melhores condições de adentrarem em sala de aula em posse de uma bagagem previamente adquirida.

O PRAZER PELA LEITURA

Dentre as muitas chaves que abrem a porta da realidade, a literatura aparece como uma das mais importantes e capazes de inserir as pessoas no contexto dos acontecimentos e transformações da sociedade. É através dela que de acordo com (Martins, 1990) aprendemos a ler o mundo, dando sentido a ele e a nós próprios, o que mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados. Da mesma maneira que uma página com alguns caracteres não podem não chegar a representar um texto, o mundo em que vivemos com toda a sua sucessão de fatos não possui significado para aqueles que nada conseguem ler neles. A interpretação do mundo se dá em grande medida pelos livros e o aprendizado da prática da leitura é um meio de decifrar a realidade por trás dos fatos.

Dentro dessa análise inicial é necessário definir qual seria exatamente a função de um educador diante da premissa de que ele não será propriamente um ensinador de leitura, mas um facilitador para as crianças. Para (Martins, 1990) esta é precisamente a função do professor que deveria agir como um agente capaz de criar meios eficientes para que o aluno desenvolva sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresenta. Têm-se assim que o prazer na literatura é um fator predominantemente subjetivo e particular a cada indivíduo, tendo relação indivisível com aspectos pessoais da pessoa. Por esta razão o desenvolvimento deste prazer ultrapassa a simples esfera do ensino da alfabetização ou do mero acesso aos livros, tratando-se antes de dialogar como leitor sobre sua leitura, isto é, sobre o sentido que ele dá a algo escrito ou representado (Martins, 1990). Logo o prazer pela literatura está associado a questões interiorizadas no indivíduo que poderá reagir de maneiras diferentes a situações retratadas por meio de palavras, paisagens, sons, imagens etc. Diante do exposto a função do educador não pode ser a de um profissional inflexível em suas considerações, pois se a literatura deve ser vista como uma atividade prazerosa deve também ser o fruto da livre iniciativa e liberdade de pensamentos e sentimentos. A fantasia de cada um deve aflorar diante de situações propostas não se tendo a preocupação primária de se uniformizar as visões sobre o objeto de estudo. Se ler significa aprender a ler o mundo é evidente que este não é igual para todas as pessoas.

O prazer no ato de ler está intimamente relacionado com a nossa própria escala de desenvolvimento e no universo infantil esta afirmação não deixa de ser verdadeira. Uma vez que as crianças estão apenas começando a ter uma percepção do mundo que as rodeia, o prazer que encontrarão na literatura estará ligado ao tipo de mundo que enxergam, ou seja, como os acontecimentos do mundo são interiorizados por elas. Deste modo é necessário selecionar a literatura para as crianças levando-se em consideração que estão em uma fase da vida onde naturalmente apreciam aspectos

lúdicos e fantasiosos.

Estes são elementos que não deveriam faltar no tipo de texto lido por elas. Held citado por (Dalla Zen, 1997) afirma que uma educação pelo humor pode auxiliar no desenvolvimento afetivo das crianças. O humor em sua visão protege, distancia e desmistifica. Na medida em que uma criança projeta-se sobre um personagem é possível que aceite seus problemas, suas frustrações, seus receios de maneira mais saudável. Ainda afirma que tanto crianças como adultos estão mais prontos para aceitar as críticas feitas de maneira humorística do que as dirigidas de modo formal. De maneira ainda mais assinalada estes aspectos devem ser encontrados na literatura para as crianças cuja tendência é de se sentir estimulada pelos aspectos lúdicos da vida. O humor neste caso funcionaria como um remédio suavizador para os sofrimentos e desilusões do cotidiano dando um colorido necessário às situações e experiências dos personagens em que as crianças se projetam. Tal efeito produzido por este gênero de literatura incidirá diretamente sobre o grau de desenvolvimento afetivo das crianças fazendo com que estas se postem de formas mais sólida diante das circunstâncias. O humor elevando-se acima dos sofrimentos trará com resultado progresso emocional-afetivo para todos os leitores que desfrutarem dos seus benefícios em especial às crianças. Talvez tenhamos nisto a explicação para o interesse em torno de um dos maiores expoentes deste gênero literário.

Aí, talvez, esteja a explicação do interesse suscitado pelos livros de Ziraldo. Eles conseguem alimentar e enriquecer o humor do cotidiano, ao mesmo tempo em que provocam uma atitude de prazer, divertimento e identificação diante do texto (Dalla Zen, 1997, p. 79).

Esta identificação de que fala a autora parece ainda mais saliente quando se trata de crianças no papel de leitoras. O humor é de fato um elemento necessário nos textos escritos para elas, devendo ser característica marcante dos autores deste gênero.

Como já foi anteriormente mencionado o prazer pela literatura encontra-se associados a valores interiorizados e subjetivos que por sua vez são resultado de experiências particulares. Deste modo é possível dizer que existem experiências tipicamente infantis que devem ser retratadas em um estilo também infantil para que o público a que se destina perceba elos de ligação com o texto. Se tais elementos não forem percebidos pelas crianças, o prazer na leitura poderá não existir, pois faltaria esta identificação tão indispensável. De fato é difícil imaginar uma criança interessada na leitura de extensos e cansativos tratados teológicos ou códigos de conduta uma vez que estas publicações citadas a guisa de exemplos não se coadunam com os valores e experiências já interiorizadas pelos infantes. É conveniente também se destacar que quanto antes se dá o primeiro contato com o livro maior a possibilidade de o interesse pela literatura como fonte de prazer se já despertado.

O livro pode representar para a criança um campo de descobertas diferentes de outros brinquedos bem como instrumento de prazer (Martins, 1990.). É através de livros capazes de criar algum tipo de identificação com a criança que elas tem sua curiosidade aguçada em direção a novas descobertas da mesma forma que a renovação de emoções vividas. É por isto que é primordial que tais livros sejam de fácil assimilação para as crianças, retratando experiências próprias ao universo em que vivem em uma linguagem compatível com o seu grau de desenvolvimento intelectual e linguístico. O prazer pela literatura infantil depende de serem atendidos estes requisitos. O livro precisar assumir na mente da criança a dimensão de importância de um brinquedo sendo de igual modo uma fonte de inspiração e fantasia. Dentro do cenário de descobertas propiciado pelos livros

é interessante constatar que as publicações que contêm imagens e ilustrações coloridas são apreciadas de forma mais destacada pelo público infantil.

Surgem as primeiras escolhas: o livro com ilustrações coloridas agrada mais: se não contém imagens, atrai menos. E só o fato de folheá-lo, abrindo-o e fechando-o, provoca uma sensação de possibilidades de conhecê-lo; seja para dominá-lo, rasgando num gesto onipotente, seja para admirá-lo, conservando-o a fim de voltar repetidamente a ele. (Martins, 1990, p. 43)

A partir dessa observação é possível deduzir que os livros mais coloridos e com imagens despertam na criança sensações mais agradáveis do que aqueles em que faltam estes elementos de ludicidade e fantasia. Quando a criança se depara com imagens coloridas está em verdade em contato com um universo que não lhe é desconhecido por completo, pois as cores estão em acordo com a sua visão do mundo. Parece evidente que as crianças possuem uma maneira particular de ver o mundo e não parece que este seja mais bem representado pelo preto e branco e sem imagens pujadas de fantasia e de elementos subjetivos.

Para alcançar-se um conceito mais maduro de onde se encontra o prazer pela literatura seria atentemos para o fato de que o lado otimista e prazeroso do aprendizado da leitura está na possibilidade de ler tudo e qualquer coisa através da organização de conhecimentos adquiridos, a partir das situações que a realidade impõem e da nossa atuação nela.

É através das relações entre as experiências e o tentar resolver os problemas que se nos apresentam que procedemos a leituras. (Martins, 1990.) É dentro desta perspectiva fundamental que se desenvolver o prazer pela literatura e isto também se amplia ao gênero infantil. Para a autora acima citada esta sensação propiciada pela leitura dá-nos a impressão de que o mundo está ao nosso alcance e que podemos não apenas compreendê-lo e conviver com ele, mas até modificá-lo à medida que incorporamos experiências de leitura. É justamente neste ponto que pode estar o conteúdo o prazer principal em empenhar-se na prática da leitura de livros ou outros tipos de publicações. Potencialmente estes volumes encerram possibilidades de transformação nas condições existentes no mundo que é o desejo de uma grande parcela das pessoas, principalmente quando são crianças. É nesta fase da vida que as indagações são mais persistentes e as perguntas mais incisivas. Na leitura as crianças podem encontrar o início de suas respostas e os subsídios necessários para a compreensão do mundo em que vivem. A maneira com que elas organizam estas ideias adquiridas com a leitura e a espécie de seleção que fazem deste, contudo será em grande parte responsável com o nível de atuação dela na sociedade. É claro que isto também se relaciona com aspectos mais subjetivos e pertinentes a própria personalidade do leitor, mas a leitura pode dar o impulso necessário para transformar potencial interior em ações exteriores. Têm-se assim que cada criança poderá sentir maior prazer leituras que lhe dizem maior respeito, direcionando sua atenção para aspectos que correspondam mais claramente aos valores que já se acham interiorizados. A literatura funciona neste caso como um agente de aproximação da criança com o mundo, eliminando as muitas barreiras que impedem este conhecimento. Na medida em que passam a conhecer o mundo serão impelidas a conhecê-lo mais e isto através dos livros e das experiências vividas. É desta síntese que surge uma visão de mundo e posicionamento diante dos dilemas existentes nele. Uma grande evidência de que o prazer pela literatura deriva de fatores interiorizados temos diante da constatação de que mesmo a criação de um ambiente favorável e repleto de vantagens para a aquisição de

artigos literários não garante por si só a formação de um leitor. Às vezes mesmo os filhos de pais intelectuais que promovem a leitura em seus círculos não veem estes atributos desenvolvidos em seus filhos a despeito das vantagens de se ter estudados em escolas bem conceituadas e de outros fatores teoricamente facilitadores no processo de aprendizagem (Dalla Zen, 1997). Deste modo podemos dizer que o mero acesso a informações práticas de leitura não garante o progresso nesta prática. Não se trata apenas de um fenômeno exterior ao indivíduo, mas também e principalmente de desencadeá-lo de uma série de acontecimentos invisíveis e internos. Esta ampliação da visão de mundo produzida pela leitura não é o resultado da combinação de elementos meramente práticos.

Para que se aflore o verdadeiro gosto pela literatura é necessário que processos interiores também aconteçam (Dalla Zen, 1997.). Mas onde estaria a explicação para o fato de alguns alunos não chegarem a desenvolver este gosto?

É certo que em nossa cultura letrada o acesso à leitura é considerado quase indispensável, pois é fonte de lazer, de aquisição de conhecimentos, além de propiciar maiores condições de convívio social, embora estudos antropológicos relativizem o valor daquele acesso, num contexto de culturas predominantemente orais. Algumas destas consideram a escrita como algo incompleto, não fidedigno no que se refere à validade das informações transmitidas. Em outras, o ler e escrever não representam atividades fundamentais para a viabilização de certos propósitos. (Dalla Zen, 1997, p. 80)

Na sociedade brasileira temos uma mistura de tradição oral com escrita sendo que ambas possuem seu inegável valor. Talvez a influência do legado oral atue de modo a obstruir o avanço da valorização do conteúdo escrito. Porém outro fator não pode ser ignorado no que se refere ao posicionamento diante da leitura encontrado nas diferentes classes sociais no Brasil. Embora o simples fato de existirem condições favoráveis para o aperfeiçoamento no prazer pela literatura não se constitua por si só em suficiente razão para a formação de crianças leitoras, é inegável que eles são facilitadores no processo. Pesquisas têm indicado que classes economicamente privilegiadas enxergam a leitura de modo diferente das classes populares. Enquanto a primeira a encara de modo utilitarista a segunda considera como meio de enriquecimento cultural (Dalla Zen, 1997.). Deste modo é possível dizer que a forma com que a leitura é encarada pode ser fator determinante na conversão desta prática em prazer.

Quando as crianças de classe social popular, por exemplo, tem na leitura um exercício obrigatório e necessário para a obtenção de um emprego no futuro, tem-se por parte dela a concepção de uma atividade extremamente desprovida de significado inerente para a criança. Nesta idade ainda não se tem uma visão tão pragmática da vida e é difícil conceber a leitura como algo meramente utilitário para o futuro. Vemos então que o verdadeiro prazer pela literatura também pode estar ligado a questões econômicas. Se a criança recebe dos pais a ideia de que deve adquirir os conhecimentos dos livros para que arrume um emprego quando for adulto isto exercerá uma grande pressão sobre ela, podendo extinguir quase que instantaneamente o interesse pela literatura de um ponto de vista mais elevado. O fator prazer fica quase que excluído quando esta prática é levada adiante sob este alicerce da obrigação. Para que haja o prazer tem que existir certa liberdade e desinteresse material, dando assim margem para que os valores interiorizados da criança possam desenvolver-se e ganhar formas exteriores através do estímulo à sua criatividade.

A literatura precisa ter para a criança o potencial de colocá-la em contato com o desconhe-

cido e o grande desafio da sociedade é a formação de pessoas capazes de optarem pela leitura de forma crítica e direcionada. Não se pode supor que ler seja o simples fato de oralizar algo selecionado por outra pessoa. A escola é o mecanismo mais indicado para dar continuidade ao processo que precisa ter sido iniciado em casa. De acordo com o pensamento de (Lerner, 2002) é necessária à formação de indivíduos capazes de se colocarem de forma crítica diante do texto. Isto significa que as crianças não devem ser animadas a ter um posicionamento conformista ante as ideias apresentadas pelos autores. A verdadeira interação com o texto se dá quando existe a possibilidade de não concordar com alguns dos pontos expostos ou mesmo com todo o conteúdo. É esta bagagem cultural que será importante para a criança ao lidar com as situações reais da vida cotidiana, onde existem circunstâncias desafiadoras e requerentes de um acurado senso de discernimento e atitudes.

Assim que se consegue conceber a literatura de uma maneira mais abrangente, o indivíduo estará em melhores condições de selecionar dentre o material escrito disponível, aqueles que melhor atenderem as suas necessidades de momento, extraindo deles os elementos que fornecerão força a suas argumentações e pontos de vista, seja para defender as ideias destes livros, para negá-las ou contrastá-la com outras correntes de pensamentos. O que importa realmente é esta postura crítica e abrangente diante da literatura. É precisamente visão macro que fará com que a criança sinta prazer na leitura. Mesmo que não possua ainda um senso tão acurado na infância, precisa ir se habituando a perceber aquilo que está nas entrelinhas de cada texto, conhecendo não apenas o código linguístico utilizado, mas também e principalmente o contexto em que foram escritos e a finalidade. A literatura também é uma porta que abre as crianças um mundo de possibilidades e esta talvez seja a palavra que melhor resume o prazer pela literatura. Demonstrar que tudo é possível é a melhor forma de estimular a criança na leitura. Através dela a criança pode alcançar inclusive um mais elevado grau de desenvolvimento humano, tornando-se uma pessoa mais comprometida com o bem estar de seus pares na sociedade em que vive. É colocada diretamente em contato com mundos desconhecidos, novas realidades.

O desafio é formar pessoas desejosas de embrenhar-se em outros mundos possíveis que a literatura nos oferece, dispostas a identificar-se com o semelhante ou solidarizar-se como o diferente e capazes de apreciar a qualidade literária. Assumir este desafio significa abandonar as atividades mecânicas e desprovidas de sentido, que levam as crianças a distanciar-se da leitura por considerá-la uma mera obrigação escolar, significa também incorporar situações em que ler determinados materiais seja imprescindível para o desenvolvimento dos projetos que se estejam levando a cabo, ou – e isto é igualmente importante – que produzam o prazer que é inerente ao contato com textos verdadeiros e valiosos (Lerner, 2002, p. 28).

É de fato um grande desafio a formação desta espécie de pessoas em uma sociedade cada vez mais mecanizada e de pensamento cada dia mais uniforme. Este desafio envolve a incorporação de aspectos que deem significado aos textos lidos e lembramos que isto é algo extremamente subjetivo e associado com o universo da criança. Se a literatura é sem sentido para ela não faz diferença se faz sentido para alguém. Não deve ser um texto que faça sentido para os adultos, pois estamos lidando com pessoas que vivem em um universo não completamente igual ao adulto, razão pela qual os textos precisam significar algo dentro deste mundo particular e internalizado pela criança. Se a formação desta espécie de leitores for bem sucedida teremos no futuro uma geração que não será um mero reflexo de gerações passadas, sendo antes uma capaz de transformar em soluções os problemas anteriores, propondo novos métodos e sendo agentes de uma possível transformação. Na literatura elas poderão encontrar suas grandes possibilidades e buscarão ali o

necessário para levar avante os mais audaciosos projetos. Para tanto precisam ser interessadas em conceber a literatura como uma atividade prazerosa e estimuladas através de incentivos externos como a distribuição de livros compatíveis com o seu grau de desenvolvimento e a adequação das escolas a esta perspectiva de formação de pessoas que gostem de ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura é sem sombra de dúvida uma das mais democráticas fontes de sabedoria sendo ao mesmo tempo uma das mais adaptáveis ao público. Não se dá na maioria dos casos a importância devida à literatura infantil, razão que talvez ajude a explicar o pouco interesse que muitas crianças demonstram pela leitura. Um plano de assimilação por parte das crianças depende muito de fatores que nem sempre são conhecidos por aqueles que as tem sob seu cuidado. A questão de maior importância parece ser a seguinte conforme demonstrado ao longo desta exposição: O que é determinante para que o prazer pela leitura seja elemento existente na vida de uma criança? Junto com esta questão poder-se-ia facilmente levantar outras, tais como: A criança é capaz de se interessar por uma espécie de literatura onde faltam elementos que fazem parte de seu universo? Ou ainda: Qual o papel da família, da sociedade e da Escola em tudo isto? Parece razoável a conclusão de que se o prazer é algo subjetivo, o necessário seria que todas as variáveis envolvidas fossem bem analisadas, não menosprezando o papel de nenhuma delas no que se refere ao fato de a criança ter na literatura uma atividade prazerosa. Enfim, deve-se considerar os fatores familiares, sociais, econômicos e tantos outros também determinantes em maior ou menor grau. Isto sem se fazer menção a figura fundamental do educador, que deverá se valer da maior quantidade possíveis de informações sobre a técnica e a história da literatura, bem como da vida das crianças que tem sob seus cuidados, nesta relação de aprendizagem. O prazer está inegavelmente associado a vários fatores subjetivos, relativos a cada indivíduo, no caso as crianças, mas independente disso está à necessidade primária de transmitir as informações em uma linguagem apropriada ao seu grau de desenvolvimento. Ao se mesclar a fantasia, as cores, e a necessidade pessoal das crianças, têm-se talvez o caminho mais curto e eficiente para que sejam conduzidas pelas prazerosas veredas do conhecimento.

REFERÊNCIAS

ABROMIVICH, Fany. **Literatura infantil, gostosuras e bobices**. São Paulo: Scipione, 1994.

BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. 2ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

CADERMATORI, Ligia. **O que é Literatura Infantil**. 4ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1996.

DALLAZEN, Maria Isabel. **Histórias de leitura na vida e na escola**. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1997.

DINORAH, Maria. **O livro infantil e a formação do leitor**. Rio de Janeiro: Vozes, 1995.

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 12ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1990. OLIVEIRA, Maria Alexandre de. **Leitura e Prazer**. São Paulo: Paulinas, 1996.

ZILBERMAN, Regina; Lajolo, Marisa. **Um Brasil para crianças para conhecer a Literatura Brasileira: Histórias**. 4ª ed. São Paulo: Global, 1986.